

Uma leitura de *Mínimo múltiplo comum*, de Rosa Amanda Strausz

Anderson da Costa Xavier¹

RESUMO: Neste artigo, pensamos a conturbada relação entre a literatura pautada no plano qualitativo e o mercado editorial. Em uma análise embrionária de *Mínimo múltiplo comum*, de Rosa Amanda Strausz, evidenciamos que é possível pensar a produção de textos literários a partir da qualidade de sua composição.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; mercado editorial; feminismo.

A reading of Rosa Amanda Strausz' s *Mínimo múltiplo comum*

ABSTRACT: This article focuses on the disturbing relations between the qualitative aspect of literature and the publishing market. In an embryonic analysis of Rosa Amanda Strausz' s *Mínimo múltiplo comum*, it makes evident that it is possible to think about the production of literary texts considering the quality of their composition.

Keywords: Contemporary literature; publishing market; feminism

INTRODUÇÃO

Este artigo emerge de uma aventura pela literatura contemporânea, uma vez que nossa principal pesquisa se concentra na produção em prosa de nosso noventa e cinco. Contudo, acreditamos que todo pesquisador deve ampliar cada vez mais seu campo de conhecimento, por isso ousamos lançar nosso olhar sobre os textos literários escritos pós 1975².

¹ Doutorando em Literatura Brasileira (UFRJ). Professor Assistente da UNIABEU, Belford Roxo, RJ, Brasil. xavier.sertao@yahoo.com.br

² Este ano foi considerado como o ponto de partida para a análise da ficção brasileira contemporânea. *Catatau* de Paulo Leminski foi o livro inicial do trabalho desenvolvido.

Isso posto, traçamos e registramos, em texto, nossas impressões e emoções diante do discurso literário produzido neste recorte temporal, atestando que, ainda que esteja envolto por controvérsias e adversidades, o mesmo mantém-se ligado à tradição³ de nossa literatura.

As adversidades concentram-se basicamente na realidade cruel de um país cínico e subdesenvolvido, como o Brasil. Pobreza e analfabetismo. Substantivos dos quais emanam as principais dificuldades para a produção de nossos escritores e a consequente difusão do livro. Em uma competição desleal, a literatura se vê cercada pelo alto índice de analfabetismo do passado e a excessiva carga audiovisual do presente.

De um lado estão os problemas sociais e políticos; de outro, a intensa massificação da cultura. É perceptível, entre as pessoas que estão fora dos ambientes acadêmicos, a busca pelo trivial, por algo que console, pelo entretenimento. Sendo assim, qual seria o lugar da literatura em tão complicada conjuntura?

A academia. Admitir que, somente nas escolas e universidades, a arte vá ser vista e revista é assumir a criação de um gueto cultural, quando na verdade os esforços devem priorizar o alcance das ruas, das casas. Embora pareça utópico, nós, estudiosos de literatura, devemos acreditar que o texto literário obterá seu espaço e reconhecimento para além dos muros das faculdades de letras; por isso lutamos e produzimos.

Se a literatura é a linguagem levada ao seu extremo, ao seu potencial máximo, desejemos que ela seja praticada (como criação ou leitura) a partir de um solo ou base a que todos tenham acesso, uma espécie de mínimo múltiplo comum da língua, de onde poderá brotar o literário. Sonegar aos alunos esse mínimo múltiplo comum em nome da aceitação acrítica das diferenças é fazer o jogo imobiliário de um poder que deseja ver as pessoas e palavras condenadas à clausura de seus guetos de origem (SECCHIN, 2004).

Tendo por referencial e assumidamente influenciados pela contundente fala de Antonio Carlos Secchin, proferida em uma aula inaugural da Faculdade

³ Ao utilizar o termo tradição não temos por base dar a ele uma carga conceitual, mas, sim, fazer menção ao arcabouço de autores consagrados que são os pilares da cultura literária do Brasil.

de Letras da UFRJ, nos aventuramos na interpretação de *Mínimo múltiplo comum*, de Rosa Amanda Strausz. Em microcontos que trazem à baila questões humanas, como a dificuldade em construir e manter suas relações interpessoais em um mundo pautado na individualidade, a autora produz uma literatura que problematiza a existência e passa longe do entretenimento, desafiando a indústria capitalista do trivial.

1. LEMA X DILEMA

Ao entrarmos em contato com a produção contemporânea, é muito difícil não estabelecermos um cotejo com o cânone de nossa literatura. A dimensão de nomes como Machado de Assis, Guimarães Rosa e Clarice Lispector e sua vasta produção acabam por ofuscar novas produções. Definitivamente é complexo sair de debaixo das asas desses expoentes.

Se o cotejo entre o passado e o presente de nossa produção literária é inevitável, a reflexão sobre a tensão entre o autor contemporâneo e o conturbado mercado editorial é mais do que necessária. A literatura de problematização, cunhada no Brasil por Machado de Assis (MERQUIOR, 1977), é constantemente vitimada pela inabilidade do leitor brasileiro em recepcionar tal texto. Esse inábil leitor é oriundo da massificação cultural, um modo pelo qual se tenta esterilizar a produção textual baseada no plano qualitativo.

A influência da cultura de massa na formação do público leitor é significativa. Vale ressaltar que esse papel já fora exercido anteriormente pela religiosidade que à sua maneira podava as asas da ficção (da literatura) e da imaginação, levando os indivíduos a um grau de alienação e superficialidade como o de hoje, como afirma Stierle, em *A ficção*, ao comentar sobre a relevância e contribuição dos discursos de Santo Agostinho para o cerceamento da prosa.

As confissões enfatizam a exigência de retirar-se do mundo mentiroso das ficções e fazer-se consonante com a verdade, que se atualizou pelo testemunho da página escrita. São uma

antificção, que pretende haver-se desvinculado de todos os ardis da bela fala e da retórica e que, no entanto, serve de todos os meios da *fictio* retórica para o recrutamento do leitor (STIERLE, 2006, p. 26).

Tendo em vista que a modernidade traz consigo um deus morto, portanto uma ficção livre, não há outro meio de asfixiá-la a não ser pelo isolamento atrelado à valorização da cultura de massa e a consequente não-procura por uma arte problematizadora. Sobre isso, diz Verlaine Freitas que “uma vez que a religião não consegue estabelecer um vínculo coletivo tão disseminado e forte quanto há algumas décadas, a cultura de massa veio cumprir esta função” (FREITAS, 2003, 20).

Sufocada pelos valores propagados pelo sistema capitalista, qual seria a função da arte contemporânea? Nenhuma! “Diferentemente da arte grega, medieval, renascentista, barroca e clássica, a arte contemporânea perdeu uma função específica, vinculada a valores de uma determinada classe social ou a valores éticos e religiosos” (FREITAS, 2003, 24).

O fato de a arte não exercer função útil e não manter vínculo com outras áreas do conhecimento, arte não incide no exagero que há na estética do culto da arte pela arte, mas permite um grau de cuidado maior com a estética do que com paradigmas que lhe transcendem.

A partir da relação entre arte e mercado que procuramos estabelecer nas linhas acima, nos reportamos ao primeiro livro de Rosa Amanda Strausz. Ganhadora do prêmio Jabuti de 1991, a obra justifica a premiação com contos curtos em extensão, mas densos em relação ao conteúdo e ao exaustivo trabalho da forma.

Dau Bastos⁴, em sua linha de pesquisa sobre o contemporâneo, nos apresenta alguns autores, fazendo um breve levantamento biográfico de cada um, dentre eles, Rosa Amanda. A partir desses dados, damos nota à participação da autora (durante a ditadura) em periódicos que fugiam às críticas centradas no sistema político repressor brasileiro e buscavam, na

⁴ Professor e pesquisador da Faculdade de Letras (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Especialista em prosa contemporânea.

verdade, discutir a hipocrisia reinante em uma sociedade conservadora que massacrava as minorias.

A recorrência a alguns (poucos) dados biográficos da contista não tem outra intenção senão negar a filiação aos movimentos de cunho feminista defendida por alguns exegetas, que insistem em fazê-lo. Não somos contrários a tal visão, mas acreditamos que essa abordagem é uma forma de reducionismo da produção da autora. Mais que a situação da mulher, percebemos em seus contos a exposição do ser humano e suas fragilidades inerentes a sua condição.

2. Hermetismo?

Alheia à massificação da cultura e andando na contramão da produção literária comercial, Rosa Amanda publica seu *Mínimo múltiplo comum*. Seus textos dificilmente se encaixam em uma definição ou em um conjunto de características, regras, ou ainda qualquer morfologia.

Para entendermos esteticamente o que são e como são os contos da autora, fazemos uso das palavras de Mário de Andrade, citadas por Nádya Gotlib: “em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto” (ANDRADE *apud* GOTLIB, 1985, p. 7). No caso de Rosa Amanda, mini ou microconto. Dona de uma habilidade admirável, a autora tece, em justa medida, teias de poucas e simples palavras que estabelecem uma poética incomum.

Há diluídos, pelos 42 contos constituintes do livro, traços de poesia, como o lirismo ou ainda certo grau de hermetismo, do qual sai vitoriosa a linguagem. Essa ligação conto-poesia ocorre, segundo Cortazar, porque a poesia se aproxima do conto, nascendo “de um repentino estranhamento, de um deslocar-se que altera o regime ‘normal’ da consciência” (CORTAZAR *apud* GOTLIB, 1985, 38).

O conto “Senhor bicicleta” é, para nós, um exemplo desse arranjo poético da prosa minimalista da autora. Segue o conto:

Todo mundo sabe que aquele velho sentado na pracinha é dono de uma fábrica de bicicletas, embora jamais se tenha visto bicicleta produzida por ele. Ainda assim, as crianças o cumprimentam com o respeito devido aos mágicos. Passam pedalando diante do banco onde ele costuma sentar, para observar o mundo de longe, com os olhos enormes onde rodopiam dois aros coloridos (p. 36).

Nessa narrativa há um enigma criado em torno da figura do fabricante de bicicletas. Temos, no conto, a produção de um pequeno paradoxo em relação à tangibilidade da personagem. O homem fabrica ou não bicicletas?

Após a instauração desse pequeno impasse, a autora nos envolve com a demonstração de afeto das crianças em relação àquele senhor. O desfecho, que poderia elucidar a dúvida, não ocorre. Em vez de uma conclusão palpável, nos deparamos com um homem afastado do mundo, a observar tudo através de um olhar preenchido por dois aros coloridos a rodopiar.

Diante de uma situação que se apresenta ápora, a saída se dá pela linguagem, pois “revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável” (p. 19). Essas palavras da autora, em “A educação pela seda”, servem para a constatação de que o trabalho estético se faz superior a qualquer busca por uma possível mensagem.

O caráter formal de seus contos pode ser explicado pelas palavras do ministro inglês Winston Churchill, que certa vez proferiu as seguintes assertivas: “Das palavras, as mais simples. Das mais simples, a menor”. Pode-se concluir que redigir um conto, à maneira de Rosa Amanda, é “conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, dever ser suprimido”.

3. Problematização, cabível.

Em contos como “O vôo de Borboleta” e “Jogos” há uma análise da *psique*, demonstrada através da preocupação com a influência sofrida durante a idade pueril e a consequente definição do caráter dos indivíduos. Ambos os

contos são marcados pela presença da morte, seja ela física ou social, a última associada à solidão.

A temática de “O vôo de Borboleta” é psicológica. O desenvolvimento do conto mantém uma estrutura tradicional. Sua personagem principal sofre inúmeros traumas que se encadeiam, que culminam na reclusão devido ao paradoxo criado entre seu nome e seu corpo; o ganho de peso. Reclusa, passa a comer de modo que “não sobrava boca para sorrir ou falar”.

Borboleta “fechou-se no colorido mundo das balas e sorvetes”. Em uma relação de causa e consequência evidente, “engordou, ficou pesadona, solitária e jogada num canto”. Dessa forma, Institui-se o paradoxo: a menina gorda “estava muito longe da criaturinha onírica e grácil sonhada por um casal de hippies muitos anos atrás”.

Boleta, como era chamada carinhosamente pelo irmão, enclausura-se, e seu drama parece configurar mais uma aporia, que é desfeita pelo narrador. “(Como) algo nela voava”, como acreditava sua mãe, o desfecho da narrativa se dá por meio de “uma experiência espetacular: a dieta espacial”.

A menina, enfim, cumpre seu destino e voa para muito além do que sonhara sua mãe. “Mergulhou no espaço imenso, no descomunal território que asa de bicho algum poderia tocar”. A protagonista, então, voa leve como uma borboleta. Personagem e nome se fundem em um tom que, se não chega a atingir, se aproxima muito do lirismo poético.

O narrador dá fim ao sofrimento da personagem Borboleta, e a idéia do suicídio, como uma válvula de escape que, em literatura, tornou-se lugar comum, é renovada. Como “O vôo de Borboleta” para fora deste mundo-cão se dá em esfera lunar, fazemos menção à “Ismália”, de Alphonsus de Guimaraens, e seu desejo de obter as luas, do céu e do mar. A solução encontrada é a fuga através do sonho, da loucura, depois, da morte.

Em “Jogos”, constituído por apenas dois períodos, encontramos a neurose social que leva ao isolamento. O mundo moderno e o sistema capitalista levam os indivíduos, a cada dia, a se fecharem mais. Tanto pela desconfiança reinante em uma sociedade neurótica quanto pela facilidade que se tem para comunicar-se sem manter contato, as pessoas se isolam.

Fonte inesgotável de diálogo, a literatura é uma solução cabível para seres solitários. Através dela, é possível refletir e questionar as escolhas de uma sociedade que firma seus valores no capital, priorizando a competição e o individualismo. A produção literária de Rosa Amanda Strausz é exemplo de que a “temática da solidão surge como consequência de uma sociedade burocratizada e capitalista, que deseja o objeto” (GOTLIB, 1985, p. 31).

4. Da guerra dos sexos

O fim da década de 80 e início dos anos 90, se não são marcados pelo chumbo da ditadura, têm como referencial uma geração que sofreu com a repressão exercida pelo governo militar. Em voga estavam os conceitos de uma sociedade que se mantinha conservadora e rechaçava algumas discussões que feririam a ética e postura dos ditos cidadãos brasileiros de bem.

Ao abordar um tema como a liberação sexual, a autora, por meio da visada ficcional, rompe com determinados paradigmas estabelecidos e traz à baila o sentimento de uma minoria discriminada. Rosa Amanda não trabalha essa temática de maneira que possamos cogitar um levantamento de bandeira, e isso se deve ao comprometimento com a estética. Evitando a taxaço de sua obra como feminista, dilui, pelos contos, a visão feminina dos acontecimentos sociais.

A contista desvela o feminino e suas implicações que resultam quase sempre em paradoxo, como a personagem de “Amor eterno”, que reúne características antagônicas, como um ar puro e um comportamento libidinoso. Segundo a narradora, a mulher é uma espécie de “Madalena pura”.⁵ A ideia contida na exposição deste antagonismo pode ser a luta pela não moralização do sexo feminino.

Se em “Amor eterno” há uma mulher ciente da necessidade e satisfação dos desejos sexuais, temos em “Muito romântica” uma personagem sonhadora que modela o homem ideal, bem ao gosto dos platônicos. Contudo, ao

⁵ Ver Casimiro de Abreu, “Amor e medo”.

perceber que o encanto daquele “deus” havia terminado, a metáfora do homem perfeito perde o sentido e se desmancha no ar, ou evapora como a água de um lago.

Por meio de uma constatação tipicamente moderna (a não-existência do amor perfeito, puro, sonhado⁶), há a desconstrução do ideal amoroso. Em um final que oscila entre o melancólico e o irônico, a narradora desconstrói a imagem do amado, que já havia sido desfeita pelo tempo.

A fim de fecharmos esse movimento de análise de alguns contos de *Mínimo múltiplo comum*, incluímos neste artigo a leitura de “Quase erótico”. Esse conto demonstra a perfeita observação da importância dada ao ato sexual e sua valorização, frente aos olhares feminino e masculino. Não romantizamos a figura feminina, mas denunciemos a carga excessiva de naturalismo existente no comportamento dos homens.

A liberdade sexual, a quebra de preconceitos e a obtenção do respeito da sociedade são elementos fundamentais para a afirmação do sexo feminino em um país marcado pelo machismo. Ainda que a imagem da fragilidade tenha sido, em parte, desconstruída, em alguns aspectos as mulheres são mais sensíveis.

A manifestação e necessidade de satisfação da libido ocorrem em par de igualdades. A diferença está no fato de o homem ser um “profissional do romance” e a mulher, uma “amadora”. Por comportar-se como aprendiz, a mulher sofre as duras penas dos enlances superficiais, nos quais não penetram sentimentos, apenas libido. A solução: tentar esquecer, procurando, em outro, a metade da face retida em qualquer espelho, pois o homem “sempre encontrou o caminho. Jamais o sentido”.

CONCLUSÃO

Na contramão do atual mercado editorial, Rosa Amanda Strausz prima por uma literatura que não se restringe a qualquer campo, seja literário seja político. Ainda que produza uma arte que tenha por visada o plano qualitativo, a

⁶ Ver Manuel Bandeira, “A arte de amar”.

autora e seus contos podem sofrer com interpretações rotulistas como, por exemplo, as de cunho feminista. O que pode tornar a literatura mero panfleto.

Longe da panfletagem, Rosa Amanda, ciente e sensível aos problemas sociais, faz brotar do corriqueiro o literário. De passagens simples, extrai textos fortes e significativos. Em nenhuma de suas leituras há a tendência de um texto fechado, pelo contrário, em seus contos há espaços a serem preenchidos pelo leitor.

Sobre os contos de *Mínimo múltiplo comum*, trazemos à baila o texto de Victor Giudice que, de maneira precisa, resumiu o livro. Suas palavras dão conta do trabalho artístico desempenhado pela autora no que diz respeito à forma e ao conteúdo.

Mínimo múltiplo comum é um desses raríssimos livros cujo título define com o *máximo* de exatidão todas as intenções do conteúdo. Ou seja, é *mínimo* porque satisfaz a preocupação da autora em desbastar o texto, fazendo com que o produto final, às vezes reduzido a duas linhas, seja o transmissor mais adequado a sua ideia ficcional. É *múltiplo* porque, através do *mínimo*, oferece infinitas significações, tão possíveis quanto surpreendentes. Finalmente – e talvez o mais importante – é *comum* porque a grande maioria de suas narrativas começa ou termina com a substantivação de fragmentos desconcertantes, de tão objetivos, que logo deságuam no oceano da grandeza subjetiva. (GIUDICE *apud* STRAUZ, 1990, Contracapa)

Concordamos com Giudice, e aproximamos seu discurso ao de Antonio Carlos Secchin sobre a importância de se pensar a prática da literatura como o mínimo múltiplo comum da língua portuguesa. Aparentemente utópica, a fala do pesquisador Secchin funciona como uma convocação a todos aqueles que se encontram envolvidos com o discurso literário.

Mínimo múltiplo comum é um exemplo de como se pode chegar a este *m.m.c* de nosso idioma. Através do trabalho com a palavra, da valorização da subjetividade e da problematização do mundo exterior, a autora faz emergir de suas linhas uma alta literatura, que para Ronaldo Lima Lins deve ser o

equilíbrio entre a interioridade anímica do sujeito e a exterioridade objetiva do mundo.

A riqueza da interioridade, somada à complexidade do mundo exterior, possibilita a articulação do indivíduo com a sociedade em que vive. Esse me parece um caminho literário interessante para um país pobre como o nosso (*Papos contemporâneos*: 2007, 129).

Em terra de muitos paradoxos como o Brasil, é louvável a escolha de um seleto grupo de escritores por priorizar a qualidade de seus textos, em detrimento da confecção de um *best-seller*. Analfabetismo, crises éticas, falta de incentivo à produção e divulgação dos livros e a massificação da cultura, muitas são as pedras no caminho dos ficcionistas e analistas brasileiros. Diante de tão complexa conjuntura, afirmamos que “é preciso remover montanhas. Digo mais: é preciso fazê-lo sem fé. Arrojar-se com o pavor de um ocidental que morde peixes crus” (p. 30).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *A aula*. São Paulo: Cultrix, 1999.

BASTOS, Dau (org.). *Papos contemporâneos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.

FREITAS, Verlaine. *Adorno e arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GOTLIB, Nádía Battela. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SECCHIN, Antônio Carlos. *Memórias de um leitor de poesia/Antônio Carlos Secchin*. Faculdade de Letras, Série Aulas Inaugurais, v.3. Rio de Janeiro, 2004.

STIERLE, Karlheinz. *A ficção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés, 2006.

STRAUSZ, Rosa Amanda. *Mínimo múltiplo comum*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

Recebido em 29 de março de 2012

Aceito em 5 de abril de 2012